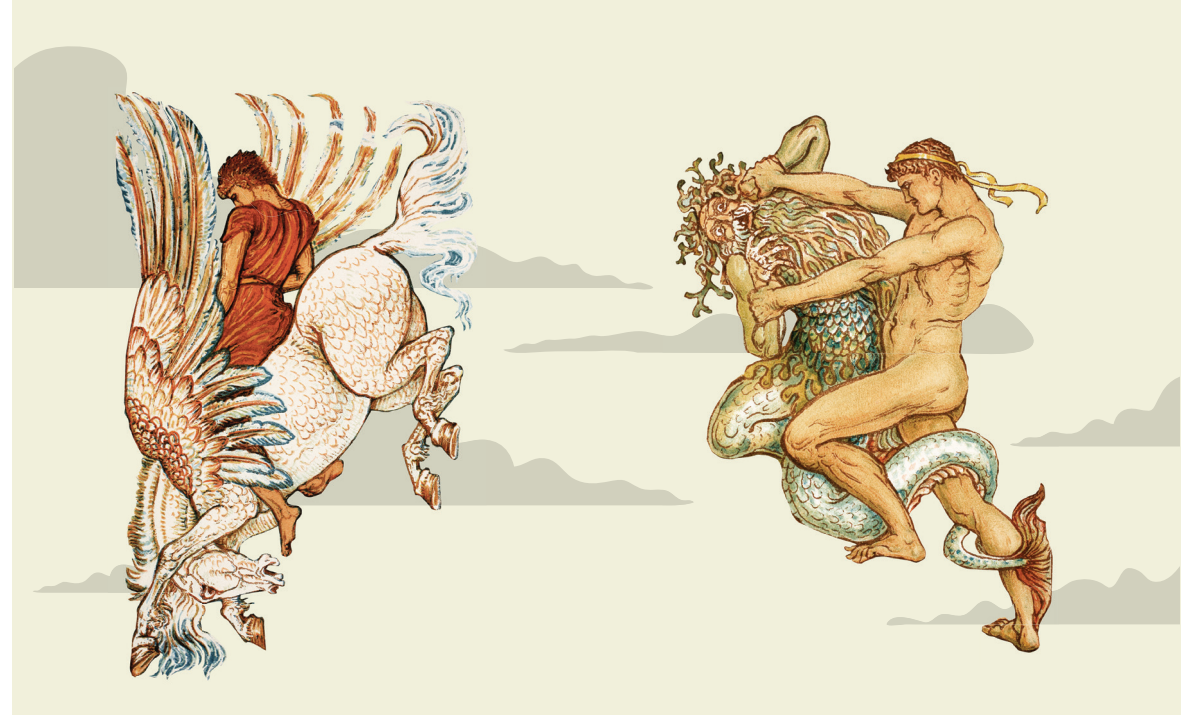




Manual do professor digital

Ficha da obra

Obra: *Mitos gregos: histórias extraordinárias de heróis, deuses e monstros para jovens leitores*

Autor: Nathaniel Hawthorne

Ilustrador: Walter Crane

Tradutor: Bruno Gambarotto

Categoria: 1

Segmento: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II

Tema: Diálogos com a história e a filosofia

Gênero: Obras clássicas da literatura universal

Editora: Zahar

Biografia do autor

Nathaniel Hawthorne, um dos mais importantes escritores da literatura norte-americana, nasceu em Salem, em 1804, e faleceu em Plymouth, em 1864. No Brasil, assim como no mundo, um de seus livros mais conhecidos é *A letra escarlata*, originalmente publicado em 1850, quando vendeu, em apenas dez dias, mais de 2 mil exemplares – um assombro atualmente e, em especial, na época. Segundo críticos literários, a narrativa, mistura de drama psicológico e romance histórico, é um dos maiores livros escritos nos Estados Unidos em todos os tempos. Além de se dedicar à literatura, Hawthorne ocupou diversos cargos burocráticos, tendo vivido em várias partes do país e também em Liverpool, na Inglaterra, como cônsul norte-americano.

Dono de uma vasta obra, Hawthorne conviveu com grandes escritores e filósofos de sua geração, dentre os quais Henry David Thoreau e Herman Melville.

Biografia do ilustrador

O artista inglês Walter Crane, nascido em 1845, ficou mundialmente conhecido por suas ilustrações de livros infantis, que produziu abundantemente durante a chamada “era de ouro da ilustração” (*“Golden age of illustration”*). Nesse período histórico, que ocorreu entre 1875 e 1920, a profícua produção de desenhos e livros ilustrados para crianças abriu um novo mercado e mudou a maneira como artistas, editores e o público entendiam esta forma artística. Socialista convicto, Crane acreditava na importância da arte e da cultura para que a vida, junto com o trabalho cotidiano, fizesse sentido. Impelido por esse ideal, juntou-se ao movimento estético e social *Arts and Crafts*, na segunda metade do século XIX, na Inglaterra, que defendia o artesanato criativo como alternativa à mecanização e à produção em massa.

A jornada de Walter Crane como artista começou durante a adolescência, ao trabalhar três anos como aprendiz do gravador de madeira William James Linton. O estudo da gravura em madeira, bem como o estudo dos métodos de pintura com blocos de madeira japoneses e estampas coloridas, o levaram a criar algumas das mais ricas e detalhadas ilustrações para crianças de sua época, tendo ilustrado obras de vários autores clássicos como os irmãos Grimm, Charles Perrault e Nathaniel Hawthorne.

Faleceu em 1915, deixando uma obra reconhecida e admirada. Suas contribuições e sua influência ainda podem ser percebidas nos trabalhos de ilustradores contemporâneos.

Sobre o livro *Mitos gregos*, o gênero literário *Obras clássicas da literatura* e o tema *Diálogos com História e Filosofia*

O que torna uma obra um clássico da literatura? Se considerarmos as particularidades de cada leitor, podemos obter inúmeras respostas. Mas há, certamente, um percurso teórico que pode nos ajudar a situar as chamadas “obras clássicas” em algum lugar de destaque em nossa biblioteca particular – um lugar que ultrapassa o quesito gosto e repousa justamente nas qualidades que o próprio texto oferece. Para alcançá-lo, certamente é indispensável considerar sua perenidade. Estamos falando de obras que ultrapassam o seu tempo, conservando-se presentes na memória coletiva e sendo compartilhadas por gerações e gerações de leitores, mesmo em diferentes períodos históricos.

Escritas por volta do século VIII a.C., três grandes obras podem ser consideradas as fontes clássicas para o conhecimento da mitologia grega. A *Teogonia*, de Hesíodo, que narra a origem dos deuses, e *Iliada* e *Odisseia*, de Homero, nas quais são descritas as grandes aventuras dos heróis Aquiles e Odisseu (ou Ulisses, como ficou conhecido na tradução latina). No entanto, além delas, existem outras referências antigas, como as tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

Quanto aos mitos gregos aqui recontados pelo escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne, eles mantêm sua essência como texto clássico ao mesmo tempo que ganham novos elementos com a escrita romântica em voga no século XIX. Estão lá a grandiosidade das histórias, a força e a ira dos deuses, a sorte e a guerra dos humanos presentes na Grécia Antiga, imemorial, bem como as descrições portentosas dos personagens e das paisagens e os enquadramentos voltados para a moral da família introduzidos por Hawthorne. O resultado é que temos em mãos não apenas clássicos atemporais da literatura – como sempre serão os mitos gregos, bases para reflexões e produções que vão da psicanálise às artes cênicas, passando por tantos outros e diver-

sificados campos –, mas narrativas que preservam suas origens e são amplificadas pela técnica e o estilo do romancista norte-americano. Um clássico dentro de um clássico que viaja pelo tempo (haja filosofia no meio do caminho!) até chegar a nós, leitores atuais.

Os livros a seguir podem compor uma pequena biblioteca de referências teóricas para o professor nos assuntos que tangem a obras clássicas e filosofia. São eles: *Mimesis*, de Erich Auerbach (Perspectiva, 1971); *Por que ler os clássicos*, de Italo Calvino (Companhia das Letras, 2007); e *Ficções*, de Jorge Luis Borges (Companhia das Letras, 2007).

Sugestões de trabalho em sala de aula com a obra literária

Mitos gregos: momentos pré-leitura e pós-leitura.

Antes da leitura

1.

Antes de iniciar a leitura do livro, o professor pode perguntar aos alunos se eles sabem o que significa a palavra “mito”. Em seguida, pode indagar sobre os mitos gregos. Já ouviram alguma história, leram alguma narrativa, viram algum filme sobre isso? Provavelmente os alunos se lembrarão das histórias de Hércules; da lenda da Medusa; de Narciso. A ideia é que a conversa possa resgatar os conhecimentos prévios para prepará-los para a leitura. É interessante, inclusive, que os alunos tragam outras fontes em que esses mitos, porventura, apareçam: será que se lembrarão deles em sagas como *Harry Potter* ou *Percy Jackson*? Ou em adaptações para o cinema, como nos *blockbusters* *Troia* e *Hércules*? O professor pode anotar as lembranças e sugestões dos alunos, ajudando-os a complementá-las, e utilizá-las como um rico material para o aprofundamento das aulas.

Nesse momento, é importante mostrar o livro para a turma, propondo a observação da capa; a leitura da sinopse, na quarta capa; a leitura da biografia do autor e do ilustrador; a análise da ilustração e tipografia utilizadas, oferecendo mais autonomia aos alunos, incentivando-os a colocar suas opiniões de modo crítico e aprofundado. Posturas que fazem com que se desenhe um comportamento leitor em cada estudante.

2.

Os mitos gregos presentes nesta edição foram recontados por Hawthorne, um dos mais importantes romancistas norte-americanos, que oferece aos leitores, além das narrativas gregas imemoriais, o retrato

de sua própria época e concepção de mundo. Monteiro Lobato, por exemplo, também recontou os mitos gregos à sua maneira. Quem não se lembra de *O minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules*, em que os personagens do Sítio do Picapau Amarelo interagem com deuses e heróis?

Nessa atividade, o professor pode ler em conjunto com os alunos a apresentação de *Mitos gregos*, escrita por Rodrigo Lacerda, na qual ele situa historicamente Nathaniel Hawthorne e a edição original do livro. É importante chamar a atenção da turma para essas “marcas históricas” que atravessam o autor e sua obra.

Como sugestão, o professor pode combinar uma data para que todos leiam ao menos o capítulo destinado ao primeiro mito (“A cabeça da górgona”) e possam debater juntos em sala de aula sobre os detalhes e a forma como o texto é construído, tornando mais claro para os alunos a estrutura que compõe a história dentro da história, construída por Hawthorne.

Depois da leitura

Se não nos é possível atinar *para que* vivemos, todo o esforço consciente é tentar sentir o *como* viveram e vivem em nós as culturas interdependentes e sucessivas, de que somos portadores, intérpretes, agentes e reagentes no tempo e no espaço.¹

1.

Os mitos estão presentes em todas as culturas, pois criar narrativas míticas foi a primeira forma encontrada pelos povos de compreenderem melhor o mundo e a essência da vida, de explicar o inexplicável. Sendo assim, este é o fio para a pergunta: “E no Brasil, podemos falar que existe alguma mitologia? Ou várias?”

¹ Cf. Luis da Camara Cascudo, “Nota da segunda edição”. In *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988, p.20.

Esta pergunta pode servir de estímulo para uma ampla pesquisa sobre as tradições populares brasileiras – e se elas poderiam, de fato, ser chamadas de *mitologias*. Para realizar esta atividade, que é ampla e pode acompanhar um ou dois bimestres da programação do curso, o professor pode contar com os professores de História, Geografia e Artes Plásticas. A classe pode ser dividida em pequenos grupos que se responsabilizem, cada qual, por uma região do Brasil. Dessa forma, cada grupo irá aprofundar-se nas características de cada região (históricas, geográficas e culturais) e, ao longo de algumas aulas, dividir os conhecimentos pesquisados com o restante da turma, em forma de curtos seminários.

No que se refere especificamente à procura pelas mitologias brasileiras, cada grupo pode buscar histórias, festas e manifestações populares que sobrevivem e se transformam ao longo dos séculos em cada uma das regiões. Os grupos podem levar para sua exposição fontes de áudio, documentários, fotografias, depoimentos de familiares e conhecidos. Além disso, os próprios alunos podem produzir materiais culturais baseados no que pesquisaram, recriando e fazendo viver a tradição popular brasileira.

Referências sobre tradição popular brasileira podem ser encontradas nos livros de Luís da Câmara Cascudo – em especial *Dicionário do folclore brasileiro* (Global, 2010), *Geografia dos mitos brasileiros* (Global, 2010), *Lendas brasileiras* (Global 2011) e *Folclore no Brasil* (Global, 2012).

Para os alunos, algumas sugestões de narrativas míticas incluindo também mitos regionais: *Viagem pelo Brasil em 52 histórias*, de Silvana Salerno (Companhia das Letras, 2006); *Contos e lendas da mitologia grega*, de Claude Pouzadoux (Companhia das Letras, 2001); e *Mitos gregos*, de Eric A. Kimmel (WMF Martins Fontes, 2013).

2.

Concluída a leitura de *Mitos gregos*, e levando em consideração as abordagens multidisciplinares realizadas nesse percurso de trabalho do livro – que crescem muito com a participação e colaboração dos alunos –, o professor pode propor uma tarefa individual, que, posteriormente, se transforme em um trabalho coletivo. Cada aluno escolherá um dos mitos gregos recontados por Nathaniel Hawthorne e escreverá uma versão própria, inclusive ilustrando-a. Para a escrita dessa versão, cada aluno deve ser incentivado a trazer contribuições e referências que possam transformar a narrativa, mantendo preservado o eixo comum da mitologia grega. Podem aparecer, assim, lembranças pessoais, referências de outros livros lidos, referências musicais ou cinematográficas.

Ao fim do processo – no qual os alunos podem trazer dúvidas e questões para a sala de aula, transformando-a em um laboratório de escrita criativa – a turma terá em mãos a própria coletânea de mitos gregos, adaptada e enriquecida com as visões de mundo de seus autores. A coletânea pode ser reunida em um único volume, transformado em livro, ilustrado e editado pelos alunos e professores.

Sugestão de trabalho em sala de aula com a obra literária *Mitos gregos*, em atividade que agregue outras áreas e disciplinas para além da língua portuguesa.

A mitologia grega ganhou destaque sobre a mitologia de vários outros povos pela influência que a civilização e o pensamento grego exerceram sobre o mundo, em particular sobre o Ocidente. Nas palavras da crítica literária Marisa Lajolo:

A cultura grega sobrevive, e não só nos objetos e textos que nos legou. Sobrevive também na herança cultural que permeia nosso hoje e, de forma talvez mais viva, nas sucessivas re-interpretações que seu modo de vida inspirou, e parece continuar inspirando.²

Com o apoio do professor de História, os alunos podem se dividir em pequenos grupos para pesquisar sobre “invenções” gregas que são essenciais para nossa vida atual. Alguns exemplos: a democracia, a filosofia, a medicina, os Jogos Olímpicos, a geometria e a matemática. E, em conjunto com o professor de Artes Plásticas, a turma pode também ampliar a pesquisa para a arte e arquitetura gregas. São muitos os templos e estátuas dedicados a seus deuses e deusas. E muitas são também as pinturas inspiradas nesses personagens ao longo da história. As descobertas podem ser, pouco a pouco, divididas em sala de aula, gerando um espaço de debate frutífero e contínuo.

² Marisa Lajolo, *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo: Moderna, 2001, p.50.